

NA PENSÃO DE DONA ROMANA

Danilo Gomes

Comemorei minha vitória no vestibular só com a cachaça ordinária que me obrigaram a beber na hora do trote. Mesmo que não me obrigassem, eu beberia assim mesmo: não tenho dinheiro para bebida fina, além disso aquela era a única maneira de, como direi?, afogar a mágoa?, fugir da realidade?, sei lá, acho que dissipar minha tristeza por estar tão sozinho nesta cidade, com minha mãe viúva lá no interior, naquela cidade que, coitada, é pouco mais que uma vila, mas uma vila que eu amo, caramba!, que eu amo mesmo: minha mãe, o rio da minha meninice, o burro que eu tinha, as laranjas e as cocadas... mas agora não é nisso que eu quero pensar, juro que não é, quero é pensar que passei no vestibular, depois de muito sofrimento, e não tenho aqui a minha mãe ou um irmão ou um parente ou um amigo que me abrace, que comemore meu triunfo... triunfo, eis a palavra, porque, depois desse sacrifício todo, ganhando pouco, a conta de pagar a pensão e o estudo, isso é um triunfo, eu acho, pode até ser que ninguém mais ache... E agora estou aqui na pensão, é noite, minha cabeça raspada a zero, o corpo meio bambo da cachaça na hora daquele trote imbecil, com uma turma de sádicos zombando da gente e os veteranos posando de donos do terreiro, extravazando seus recalques, suas frustrações...

São oito da noite, Dona Romana é a única que parece satisfeita com meu êxito, até me deu "parabéns". Os pensio-

nistas são indiferentes, arredios, ninguém se importa com ninguém, mal-mal um cumprimento seco, de vez em quando — é a vida moderna, dizem os analistas da vida moderna. Azar, vou-me importar com isso, com essa carência generalizada de afeto e urbanidade? Que se danem! Se eu fosse filho de um sujeito importante qualquer, talvez viessem me cumprimentar, muito sorridentes. Sim, que se danem também, fiz o que pude para ser amigo deles. Só mesmo Dona Romana me cumprimentou e, além disso, depois que eu tomei banho e tirei a sujeira do trote, veio me trazer um café quente, coado na hora, para eu não me constipar, disse ela (e tão poucas pessoas dizem hoje constipar, só mesmo gente como Dona Romana, que parece até que é minha tia ou mãe ou avó).

Sopra um vento frio, parece que é de chuva, me faz lembrar o mar, viagens, navios, evasão, aventura, antigas estórias de piratas, descobridores, grandes lobos do mar, sim, fecho os olhos e vejo o mar, o quebrar de ondas, um navio partindo... Talvez chova, sim, esse vento é de chuva...

A estas horas, muitos estão comemorando a vitória no vestibular, que não foi brincadeira, não. Festas, champanhes, chopes, uísques, meninas de pantalonas e trejeitos de Julietas shakespeareanas daquele filme que passou no Acaiaca... doces, pernis tostados, frangos rosados, maioneses de primeira classe, suflês sofisticados, tortas disso e daquilo e batidas daquiloutro, música e sorrisos. Bem, quem pode, pode; quem não pode, fica nesta varanda de pensão pobre da Rua Bernardo Guimarães, perto da igreja da Boa Viagem, pensando na vida, pensando na festa que não há, nas músicas, nas bebidas finas, nos abraços que não há. Ora, não estou com inveja, só estou me sentindo muito sozinho neste alpendre, com esta perspectiva de chuva e esse vento que parece vir do mar.

Minha mãe nem deve saber que eu passei, preciso escrever para ela, amanhã cedo eu escrevo, amanhã é domingo, eu escrevo para ela, contando, é claro que não vou entrar em minúcias, relembrar as questões de física e português e história e inglês, nem nada, não preciso falar em Miguel Torga

ou em peso atômico do tório ou em verbos irregulares ingleses ou em produção de trigo na Argentina no ano passado ou em qualquer troço que eles deram no tal vestibular único; para ela, só interessará o fato de, daqui a cinco anos, eu ser advogado, para tratar de demandas, inventários, partilhas, júris e essas coisas todas que os advogados fazem; para falar a verdade eu não gosto muito disso, nem quero imitar aqueles que ficam falando empolado, citando Cícero e Justiniano e autores alemães e italianos a torto e a direito, não, pretendo ser um advogado sem essas pretensões de grande orador ou eminente juriconsulto, preciso é ganhar a vida, sair dessa embira, ajudar minha mãe, até... me casar, convido Dona Romana para madrinha, ela e o meu professor de português, o Marcial, sujeito muito boa praça, de vez em quando toma umas Brahmas comigo e quase sempre paga, gostamos de conversar sobre coisas de literatura — a essa hora ele já deve ter sabido que passei, pois a televisão deu: deve estar satisfeito, sempre me estimulou muito, é um dos poucos amigos que eu tenho nesta cidade grande.

Não faz mal: não tenho festa nem nada, mas estou satisfeito. Estudei feito um danado, dormi pouco, sofri muito, mas valeu a pena: agora as coisas podem melhorar, agora pode ser que não me humilhem tanto, pode ser que me tratem melhor no escritório, até que me dêem um aumento salarial, sei lá! Ao mesmo tempo estou triste: gostaria de contar à minha mãe e vê-la feliz, sempre que me escrevia dizia que estava rezando muito para eu passar no vestibular, que sem estudo eu não poderia vencer na vida, arranjar um bom emprego, essas coisas. Gostaria até de ter uma família comemorando o acontecimento com chope e uns salgadinhos, coisa simples. Gostaria de poder estar agora em meio ao calor humano de que outros desfrutam, estou muito só nesta varanda, com esta cabeça raspada e este corpo cansado e essa saudade da minha velha e do meu velho morto. Vejo a torre da igreja da Boa Viagem marcando oito e meia da noite, estou alegre e triste ao mesmo tempo, se o dinheiro sobrar

poderia até comprar uma camisa nova no fim do mês, até arranjar uma namorada. O vento balança as árvores, a rua está vazia, boa é a sensação de que este vento vem do mar, as montanhas às vezes oprimem um pouco, relaxo os músculos nesta velha cadeira de vime, começa a trovejar, vai chover mesmo, estou alegre e triste, não sei o que vai ser da minha vida, é bom saber que passei no vestibular, mas agora estou mais sozinho e mais triste do que quando via Raquel passeando no Jardim com outro, lá na minha terra, antigamente...